

CAOS NA SAÚDE: Anestesista diz que uma quarta pessoa morreu no Hospital Albert Schweitzer domingo de manhã

Sindicato denuncia governador à Justiça

Médicos vão exigir a decretação de estado de calamidade pública na rede de saúde para facilitar liberação de verbas

Liane Gonçalves

● O Sindicato dos Médicos do Rio entrou ontem com uma notícia-crime no Ministério Público contra o governador Marcello Alencar, o secretário estadual de Saúde, Antônio Luiz de Medina, e a diretora do Hospital Albert Schweitzer, Sônia Prado. A entidade quer que os três sejam responsabilizados pelas mortes de pelo menos dois pacientes ocorridas domingo por falta de atendimento no Albert Schweitzer. O presidente do sindicato, Luiz Tenório, disse que vai exigir ainda a decretação de estado de calamidade pública na rede de saúde pa-

ra facilitar a liberação de recursos para os hospitais. Segundo ele, essa medida está sendo estudada pela Comissão de Saúde da Assembléia Legislativa.

— Queremos que se apure as causas das mortes ocorridas no Albert Schweitzer. Não vamos defender os médicos que faltaram ao plantão, mas o governador, o secretário e a diretora também não cumpriram suas responsabilidades — disse Tenório.

O Conselho Regional de Medicina do Rio (Cremerj) também abriu sindicância para apurar a reponsabilidade dos médicos, da diretora e do secretário pelas mortes no hospital. A entidade

poderá cassar o registro profissional caso fique comprovada a culpa de algum deles. O presidente do Cremerj, Mauro Brandão, disse que a entidade, com a ajuda da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-Rio), vai entrar ainda com um ação civil pública contra Marcello Alencar.

Da equipe de seis médicos escalados para o plantão de domingo na emergência do Albert Schweitzer, apenas uma anestesista compareceu. Simone Maeso, que está oficialmente de férias, foi trabalhar no domingo em substituição a outra anestesista, Rosa Paiva, que está com pneumonia. Ela contou que chegou às

7h e encontrou as portas da emergência fechadas. Lá dentro, seu primeiro ato foi atestar a morte de um paciente que havia sido operado no plantão anterior.

— Quando cheguei, perguntei qual era a situação. E me disseram que havia nove pacientes na emergência, sendo que um deles em estado grave. Quando fui vê-lo, ele estava morto — contou Simone.

A anestesista disse que quando chegou ao hospital, a equipe de sábado acabara de sair. Segundo ela, havia determinação para que a emergência ficasse fechada. Duas pediatras, Denise e Teresa, responsáveis pelas 12 crianças

internadas, também trabalhavam. Denise saiu do plantão às 17h porque estava passando mal. Simone disse que foi para a enfermaria infantil, no 11º andar, para ajudar as pediatras, pois não havia atendimento na emergência. Lá ficou até ser chamada.

— Já eram mais de 22h quando me ligaram da emergência avisando que tinha uma paciente morrendo na porta do hospital. Mandeí que a pusessem para dentro. Quando desci, já estava morta. Só fiz atestar o óbito — disse.

Neusa Ferreira de Oliveira ficou mais de uma hora deitada no chão na entrada do hospital à espera de atendimento. Simone ale-

gou que desceu para a emergência assim que foi avisada. A anestesista contou que, após a constatação do óbito, a diretora do hospital lhe disse pelo telefone que se escondesse no 11º andar. Ela comentou ainda que achou estranho o fato de o corpo de Neusa não ter passado por necropsia no Instituto Médico-Legal. Irritada, Sônia Prado desmentiu a médica.

— Quando ela me contou que tinha atestado o óbito, disse que não precisava mais e que ela poderia voltar para a enfermaria porque eu já chamara uma equipe do Corpo de Bombeiros — disse a diretora. ■